

O trabalho musical comunitário: a vida social e econômica da Banda Dona Gabriella

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO: Musicar local: comunidades musicais de prática em diversos contextos

João Henrique Amancio Gião
j218642@dac.unicamp.br

Suzel Ana Reily
sreily@unicamp.br

Resumo. Este trabalho aborda a Corporação Musical Dona Gabriella de Oliveira Costa da cidade de São João da Boa Vista como uma comunidade musical de prática, que presta um serviço musical à sua comunidade e proporciona um espaço de sociabilidade musical para seus membros. Diferentemente de muitas outras bandas comunitárias no Brasil, a verba que ela recebe da prefeitura permite o pagamento de um salário aos músicos, dando um caráter tanto de trabalho quanto de lazer às atividades da banda. Assim, aqui investigamos o possível impacto desses pagamentos nas práticas da banda e sua articulação com outras mudanças na trajetória do conjunto.

Palavras-chave. Musicar amador. Banda de música. Economia local. Comunidade.

Title. Community Music Work: The Social and Economic Life of the Banda Dona Gabriella

Abstract. This paper looks at the Corporação Musical Dona Gabriella de Oliveira Costa based in the town of São João da Boa Vista, Brazil, as a musical community of practice that provides musical services to the community and a space for musical sociability for its members. Unlike many other community bands in Brazil, however, the funding it receives from local government allows for the payment of a salary to the musicians, creating an aspect of both play and work to band's activities. Thus, here we investigate the possible impact of these payments on the practices of the band.

Keywords. Amateur musicking. Brass band. Local economy. Community.

1. Introdução

Bandas de músicas estão entre os conjuntos instrumentais mais comuns no Brasil (BRUCHER & REILY, 2013), tendo, frequentemente, um papel central na vida social de suas cidades. Estes conjuntos tocam para procissões religiosas, paradas cívicas, festas e eventos comunitários, encontros de bandas e podem também oferecer retretas de caráter regular ou ocasional. Cada banda organiza suas atividades de acordo com as suas tradições locais e oportunidades. Assim, cada banda pode ser compreendida como uma “comunidade de prática”, um conceito desenvolvido por Lave e Wenger (1991) para designar um grupo de pessoas que mantém uma atividade regular comum, onde desenvolve práticas coletivas que o permite cumprir com os seus objetivos enquanto grupo. Neste trabalho discutiremos as atividades da Corporação Musical Dona Gabriella de Oliveira Costa, que tem sua base de

atuação na cidade de São João da Boa Vista – SP. Ao vê-la como uma “comunidade musical de prática”, estaremos dando foco às atividades cotidianas da banda, seus “musicares”¹, investigando como estas práticas são negociadas nos momentos de interação musical, como ensaios, retretas e demais momentos de sociabilidade, ao criar um perfil próprio para o grupo.

As atividades da Banda Dona Gabriella incluem paradas cívicas e performances especiais, mas suas responsabilidades principais são retretas dominicais² que ocorrem de 19h30 às 21h30 na praça do Fonteatro Emílio Caslini, localizado no centro da cidade. Nesses domingos, a praça se transforma com a criação de um ambiente propício para o lazer e sociabilidade, envolvendo música, dança, atividades infantis e familiares e a presença de ambulantes. Assim como as performances da corporação são apreciadas pela população da cidade que vem à praça ouvi-la, os músicos também afirmam ter prazer em tocar e sentem satisfação pela contribuição que fazem à cidade³.



Figura 1: A Corporação Musical Dona Gabriella de Oliveira Costa. Apresentação no Fonteatro em dezembro de 2017, arquivo da banda.

Esta banda, como outras afins, é composta predominantemente por músicos amadores, cuja principal fonte de renda não deriva da música. No entanto, na Banda Dona Gabriella, todos, incluindo o técnico de som, recebem um salário mensal do Departamento de Cultura da cidade de R\$ 350,00, desde que não faltem a nenhum ensaio ou apresentação naquele mês, sendo que o regente recebe R\$ 700,00 por mês. Se, por um lado, a entrada regular deste dinheiro na renda familiar é bem-vinda, por outro, o pagamento estabelece uma relação contratual entre a banda e o município que transforma, ao menos parcialmente, a atividade amadora em trabalho remunerado. Vale apontar que a remuneração dos músicos

ocorreu junto com outras mudanças que também vêm sendo notadas em outras bandas: uma preocupação cada vez mais marcada por um ethos “apresentacional” (TURINO, 2008), isto é, com a produção de uma performance aprimorada para ser apreciada por uma plateia. Assim, buscamos compreender como a remuneração tem impactado as práticas da banda e como ela se articula com outras mudanças que o conjunto tem implementado.

2. A Banda Dona Gabriella

A Corporação Musical Dona Gabriella de Oliveira Costa foi fundada em 1938 na cidade de São João da Boa Vista – SP, com apoio de Dona Gabriella. Em 2005, contudo, a corporação passou por diversas mudanças em sua estrutura. Até 2005, a banda poderia ser categorizada como “banda de música”, mas a partir de 2005, sua formação mudou, vindo a se aproximar mais de uma “*big band*”⁴. Atualmente, sua instrumentação consiste de: 1 bateria; 1 percussão; 1 baixo elétrico; 1 guitarra elétrica; 1 teclado; 4 saxofones, sendo 2 tenores e 2 altos; 3 trombones, sendo 2 de vara e 1 de pisto; 4 trompetes.

A banda tem hoje 17 componentes, entre músicos, técnico de som e o regente, Márcio Pereira, que é também tecladista do grupo nas retretas. Todos são homens. Suas idades variam entre 14 e 66, mas a maior parte tem entre 40 e 50 anos. Apenas dois dos componentes possuem, como ocupação primária, algo relacionado à música, sendo eles Márcio Pereira e Henrique Mérida, baterista/percussionista da banda. Os demais são funcionários públicos, comerciantes, técnicos de informática, bancários, estudantes, advogados etc. O pai de João Henrique (coautor deste trabalho), José Henrique Gião, por exemplo, que participa da banda desde 1990 como saxofonista, é servidor público estadual.

A banda toca um repertório extenso e variado, com o propósito de agradar tanto os músicos quanto a comunidade; conta com sambas, choros, boleros, canções americanas, jazz, pop, gêneros nordestinos entre outros, mas, evidentemente, também toca dobrados. A banda divide seu acervo musical em três categorias: as músicas da “Pasta Preta”, as do “Caderno de Populares” e as do “Caderno de Dobrados”. A Pasta Preta possui quase 200 partituras e contém a grande maioria das músicas que são tocadas nas retretas. O Caderno de Populares contém o repertório herdado da formação antiga da banda que, atualmente, só é tocado quando os músicos presentes numa apresentação são insuficientes para o repertório mais recente, por este caderno conter peças consideradas fáceis. O Caderno de Dobrados também é uma herança da formação antiga, porém, como seu próprio nome indica, contém principalmente dobrados, mas tem também hinos, como o Hino Nacional, o Hino à Bandeira,

Hino da Cidade entre outros, reservados para eventos cívicos, como o dia da cidade e afins. A banda sempre toca uniformizada, mas antes da atual gestão, os uniformes eram mais simples: calça preta e camisa branca. Atualmente, com a criação de um logo e um padrão de identidade visual em 2017, a banda adquiriu uniformes personalizados, com a estampa do logo. Há uma camisa cinza, que é utilizada nas retretas comuns, e uma camisa azul marinho, usada em apresentações extraordinárias. A calça preta completa o uniforme.

A banda geralmente ensaia às segundas das 20h00 às 22h00 numa sala ampla do complexo cultural Cidade das Artes, perto do centro da cidade.

3. Ensaios

Segunda-feira dia 13 de janeiro de 2020. João Henrique e seu pai chegaram na sede da banda por volta das 20h00. Logo ao descer do carro, avistaram uma roda formada apenas por homens na calçada em frente à Estação das Artes. Como de costume, João deixou sua guitarra na sala de ensaio, ainda vazia, e se encaminhou para o murmurinho das conversas. Após cumprimentar cada um dos músicos, seu pai anunciou que não tocaria saxofone naquele dia: um de seus dentes frontais caíra mais cedo, e, após uma ida ao dentista, tinha medo de que o ato de tocar o instrumento pudesse prejudicar o dente provisório. Imediatamente, essa história gerou risadas gerais. Henrique Mérida comentou: “Você ’tá parecendo o médico do filme *Se Beber Não Case*”, comparando-o a uma personagem que perde um dente durante uma noite de bebedeira. Após mais algumas risadas, com a chegada do regente Márcio Pereira, a roda se desfaz e os músicos começam a se dirigir para a sala de ensaio.

Um a um, pegaram uma cadeira de metal, entre as que estavam empilhadas num canto da sala, e tomaram seus lugares costumeiros, agrupados por naipe. Iniciou-se, então, o ritual de montar as estantes, retirar os instrumentos dos cases, montar os instrumentos e senti-los, assoprando algumas notas. Rapidamente a sala foi tomada por uma profusão caótica dos mais diversos sons: frases melódicas de sax, graves do bumbo, palhetadas da guitarra e conversas informais sobre os mais variados assuntos.

Márcio se posicionou de pé, voltado para os músicos, como um maestro de orquestra sinfônica. Impôs sua voz e pediu atenção para que todos pudessem afinar os instrumentos com base na guitarra, afinada anteriormente. O regente distribuiu para todos uma partitura da nova música que seria tocada pela banda, o samba “Estamos aí”, de Mauricio

Einhorn e arranjo de Nelson Faria, trazido ao ensaio pelo saxofonista Carlos Alberto. (Ver Figura 2.)



Figura 2: Ensaio para um show patrocinado pelo jornal *O Município* a 12/03/2018. Arquivo da banda.

Assim, iniciou-se oficialmente o ensaio. Antes de passar a música pela primeira vez, o regente apontou alguns aspectos da sua forma e, em seguida, contou quatro tempos e a banda começou a tocar, lendo a peça a primeira vista. Os guitarristas, Bruno e João Henrique, ficaram um pouco perdidos devido à quantidade de passagens melódicas escritas para a guitarra, mas deram um jeito, tocando os acordes cifrados em uma outra seção, que podiam ser encaixados ao longo da peça.

Depois de uma primeira passagem desengonçada, os músicos puderam compreender melhor a estrutura da peça, mas concordaram que se tratava de um arranjo difícil. Bruno encontrou uma gravação da música em seu celular e todos a ouviram juntos. Após a escuta e uma discussão em conjunto, decidiu-se por cortar algumas seções da partitura: “Tem muito improviso escrito; a gente não precisa tocar tudo isso”, disse Márcio. Alguém chegou a comentar: “Imagina os velhos da praça dançando isso!”, e todos deram risadas.

Com a simplificação, a banda deu continuidade ao ensaio. Havia uma passagem complexa em que os saxofones executavam uma quintina de semicolcheia, exigindo atenção especial de Márcio, que passou lentamente a passagem com o naipe algumas vezes, para melhor sincronizá-lo. Com mais algumas repetições, os músicos se encontram cada vez mais na peça e a música começou a tomar forma. Ainda assim, a dificuldade permaneceu aparente. O baixista Thiago chegou a questionar com João e Bruno o propósito de se trazer um arranjo tão

difícil para a banda. Comentou, em tom irônico e descontraído: “Vou gastar uma semana só estudando isso para ganhar 350 reais no fim do mês?”

Nos quinze minutos finais do ensaio, Márcio apresentou “Cheia de Manias”, peça de Luís Carlos do grupo Raça Negra e arranjo de Henrique Borges, saxofonista com passagem pela banda e amigo de muitos dos integrantes. Esta música foi considerada muito mais simples. Após duas passagens, também em leitura a primeira vista, todos ficaram satisfeitos e o ensaio foi encerrado. Márcio pediu aos músicos que não se esquecessem de trazer as partituras novas no próximo ensaio.

Como se pode notar da etnografia acima, busca-se, no ensaio, manter um ambiente descontraído e informal entre os músicos, enquanto outras práticas revelam uma preocupação com aprimoramento performativo. Ou seja, ao mesmo tempo em que o ensaio é um espaço de sociabilidade voltado para o prazer do musicar coletivo, há também uma preocupação com a qualidade do produto sonoro que será apresentado durante a retreta. Destaco aqui o fato de Carlos Alberto trazer dois arranjos novos para a banda neste ensaio, apesar do extenso repertório que já possui. Se por um lado a apresentação de repertório novo garante que os músicos sintam que estão sendo continuamente desafiados, mantendo o seu interesse na prática musical, por outro é também uma forma de trazer novas músicas para a apreciação da comunidade e tornar as apresentações públicas mais atrativas. Vale lembrar do comentário do baixista Thiago sobre a dificuldade de um dos arranjos: ao dizer que gastaria uma semana estudando a música para, no fim do mês, receber (apenas) 350 reais, insinua que, se o salário fosse maior, talvez se empenharia mais em favor do aprimoramento musical. Apesar do tom irônico, sua fala aponta para uma relação entre remuneração e comprometimento musical ou de uma dicotomia inerente entre o trabalho e o lazer: onde residiria o equilíbrio entre estes dois polos no contexto de uma banda comunitária?

4. Retreta

É uma noite amena e bem iluminada de domingo e diversas pessoas estão passeando pela praça. Um senhor com seu carrinho de pipoca vende um saquinho para uma garotinha. O pai, logo ao lado, joga conversa fora com conhecidos. Na outra ponta da praça, vários jovens bebem e dão risadas ao som do apito estridente do trenzinho que acaba de sair do jardim para mais uma volta. Essas cenas e muitas outras, compõem a paisagem da Praça Coronel Joaquim José nas noites de retretas.

No coração do largo, fica o Fonteatro Emílio Caslini. Originalmente uma fonte luminosa, em 2005 o espaço foi transformado em uma pista de dança. Essa pista fica logo em frente ao coreto onde a Banda Dona Gabriella se apresenta semanalmente. E nesse momento, com o equipamento de som já montado, às 19h49 os músicos uniformizados iniciaram mais uma performance dominical. (Ver Figura 3.)



Figura 3: Apresentação no Fonteatro em dezembro de 2017, arquivo da banda.

João Henrique observou a retreta sentado na arquibancada que circunda a pista de dança. Na pista, várias crianças brincavam de bola e andavam de bicicleta e patinete. Na sua frente, com golpes de língua, dedo, baqueta e palheta, os membros da corporação executavam seu tema, o samba “Keçono”, de Antônio Carlos Neves (1948–2013)⁵, peça com a qual sempre iniciam suas retretas; na seção D da música, levantam-se num ato simbólico, como que para inaugurar a apresentação. Já nessa primeira música, João percebeu a ausência do baixista Thiago. Consequentemente, Márcio, ao teclado, fez o possível para cumprir a função do baixo, marcando as notas graves.

Às 19h55, o primeiro casal se encaminhou para a pista. Tratava-se de um casal já na terceira idade, como é a grande maioria das pessoas que frequentam esses bailes dominicais ao ar livre. Dançavam ao som da música escolhida por Márcio dentre o extenso repertório da banda, para dar sequência à apresentação.

A banda não costuma definir seu repertório de antemão, o que lhe permite responder às condições que se apresentam na retreta, como a ausência de alguns músicos, as reações, ou mesmo pedidos do público, uma recordação de alguma pessoa naquele momento a quem se associa uma determinada música e assim por diante. Durante a retreta o regente alterna entre “seleções” de ritmo rápido e lento. “Seleção” é como é chamado o conjunto de duas músicas (as vezes três), sempre do mesmo gênero, que são escolhidas por vez: ou seja,

dois sambas, duas bossas, dois boleros, três forrós etc. Quando a primeira música de uma seleção termina, a bateria, o baixo, a guitarra e o teclado continuam segurando a base harmônica enquanto os sopros encontram a partitura da próxima. Dessa forma é criado um elo que mantém o som acontecendo. Depois que todos os músicos estão prontos, o baterista faz a contagem para que a próxima peça seja iniciada.

Nesta noite, a primeira seleção escolhida foi a dos foxes “Theme from New York, New York” (Kander e Ebb) e “One” (M. Hamilton e E. Kleban, arranjo de Antônio Carlos Neves). Após a execução dessa seleção, o público aplaudiu. Até que a próxima seleção fosse anunciada, muitos músicos aproveitavam para conversar entre si ou com algum membro do público. Depois de alguns minutos, Márcio se impôs dizendo: “‘Mais que Nada’ (música 82) e ‘Arrastão’ (88)⁶!”. Para tocar esses sambas, Leandro, o técnico de som, foi para a bateria e Márcio Liberali, o baterista original, tocou percussão. Os músicos então, encontraram as partituras e após mais alguns instantes de preparação, com a contagem de quatro tempos, iniciaram mais uma série de peças. E assim a retreta transcorreu durante suas duas horas de duração.

Já perto do fim da performance, uma grande nuvem cinza se formou no céu junto com ventos fortes e uma leve garoa. Com a iminência de uma forte chuva, a retreta se encerrou e a banda nem pôde concluir, como de praxe, tocando “Keçono”. As cadeiras e os pedestais foram rapidamente recolhidos e guardados de baixo do coreto, os instrumentos e o som guardados nos carros e rapidamente a praça se esvaziou.

A partir da descrição desta retreta, nota-se que a banda se empenha em estabelecer práticas que vão de encontro ao seu papel de oferecer entretenimento para a população da cidade, particularmente para seus membros da terceira idade, justificando, assim, o investimento da prefeitura na corporação. Mas os músicos cumprem com suas responsabilidades sem abrir mão do prazer que têm em suas atividades conjuntas: tocar e conversar. Mantendo abertura na escolha do repertório, podem adaptá-lo às circunstâncias imediatas; por um lado, há espaço para a exibição dos emblemas musicais da banda, como o samba “Keçono”, do seu repertório consagrado e da apresentação de peças novas que marcam desafios recentes.

5. A economia da banda

A Corporação Musical Dona Gabriella de Oliveira Costa é uma associação de músicos e tem um CNPJ, funcionando como uma empresa prestadora de serviços.

Anualmente é realizado um contrato com a prefeitura em que é estabelecida uma verba que é gerenciada pela diretoria da banda. Atualmente, o valor do contrato é de R\$ 80.000, divididos mensalmente. Essa quantia compreende aos salários e tarifas bancárias. Além disso, também é organizado um caixa, gerado pelos descontos nos salários provenientes de faltas e atrasos. Esse caixa, serve como uma reserva usada para a manutenção dos equipamentos de som, impressão de partituras, compra de peles e cases para a bateria que é patrimônio da banda, além de, no fim do ano, a quantia remanescente ser rateada como uma espécie de décimo terceiro salário. Por fim, uma última fonte de renda da corporação são os eventuais serviços prestados que não estão previstos no contrato com a prefeitura, como, por exemplo, o show realizado em 2017 no aniversário de 112 anos do jornal *O Município*. Esses valores são divididos entre os músicos, como cachê e eventualmente utilizados na manutenção também.

Quanto à percepção dos músicos acerca da questão monetária, alguns membros foram questionados se continuariam participando da banda caso deixassem de receber salários. Carlos Alberto deu destaque para o aspecto social e de lazer da prática: “Não é só a música, tem os amigos também. É um lugar gostoso, você dá risada, você toca. Eu continuaria sim... Iria dar minhas faltinhas, né? Quando não estivesse muito à fim, quando tivesse outra coisa mais importante, aí eu não iria. Mas eu continuaria sim.”

Para José Henrique, o salário é um fator predominante para a existência da banda. Assim como Carlos Alberto, diz que se não houvesse pagamento, continuaria indo, porém com menor assiduidade. Para ele, o salário é importante, pois cria um senso de responsabilidade e comprometimento, já que as faltas e atrasos são descontados. Ainda assim, também demonstra seu gosto pela atividade: “A gente gosta de tocar, gosta de música...”

6. Conclusões

Como bandas por todo o Brasil, pode-se observar nos ensaios e nas retretas, a Banda Dona Gabriella tem um papel importante na vida social de São João da Boa Vista. Enquanto suas práticas se assemelham às de outras bandas, esta comunidade de prática musical também tem características próprias, desenvolvidas ao longo do tempo, conforme os interesses e oportunidades específicas da localidade em que opera. Cria um espaço de sociabilidade para os músicos, tanto que José Henrique foi ao ensaio apesar de não poder tocar naquele dia. Aos domingos a corporação contribui para o estabelecimento de um ambiente descontraído na praça central da cidade e sua música cria um espaço regular onde a população da terceira idade local pode dançar ao som de um repertório com o qual se

identifica: sambas, foxes, boleros, choros entre outros. Enfim, a banda cria um espaço comunitário para si ao mesmo tempo em que serve á comunidade mais ampla, particularmente a mais idosa.

Como notamos, diferentemente de muitas bandas comunitárias do país, a Banda Dona Gabriella recebe uma verba anual da prefeitura que permite que cada membro receba um pequeno salário pelos seus serviços. Como os próprios músicos indicaram, este auxílio aumenta o comprometimento dos membros às atividades da banda, mas quando observamos suas atividades no dia-a-dia, nota-se que a remuneração articula com outras mudanças implementadas ao longo das últimas décadas. Ao proporcionar uma verba para a banda, a própria prefeitura espera um retorno do conjunto, criando, assim, um espaço público regular para suas performances, que, como aponta Rob Boonzajer Flaes (2000, p. 131), é crucial para a sustentabilidade de uma banda – ou qualquer conjunto musical comunitário.

Como vimos no ensaio e na retreta, diversas práticas indicam que a banda busca aprimoramento performativo. Isto se verifica na mudança do repertório para o da Pasta Preta, que contém peças mais complexas que as contidas na antiga Pasta de Populares e na recorrente adição de peças novas, muitas vezes consideradas difíceis e desafiadoras. Nessa conjuntura, o salário pode ser interpretado como um fator que promove e intensifica essas práticas, apontando para um crescente ethos “apresentacional”. Vide também o desenvolvimento de uma identidade visual, por meio de um logo e a confecção de dois uniformes.

Entretanto, a manutenção do prazer dos membros da corporação nas atividades do grupo continua sendo primordial, e o contexto da banda, seja nos ensaios, seja nas retretas, continua marcado pela sociabilidade. E suas performances têm um papel importante na vida social da cidade, estimulando musicares entre os frequentadores das retretas dominicais, que cantam e dançam junto com elas. Se a remuneração dos músicos da Banda Dona Gabriella tem promovido alterações significativas nas suas orientações musicais é difícil de comprovar, mas certamente contribui para que os membros da corporação sintam que sua atuação na cidade é reconhecida.

Referências

BOONZAJER FLAES, Rob. *Brass unbound: secret children of the colonial brass band*. Amsterdam: Royal Tropical Institute, 2000.

BRUCHER, Katherine; REILY, Suzel. “The World of Brass Bands”. In: REILY, Suzel; BRUCHER, Katherine (Org.), *Brass Bands of the World*. Aldershot: Ashgate, p. 1-31, 2013.

FINNEGAN, Ruth. FINNEGAN, Ruth. *The Hidden Musicians: Music-making in an English town*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. *Situated learning: legitimate peripheral participation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991

LIMA, Marcos Aurelio de. *A banda e seus desafios: levantamento e análise das táticas que a mantem em cena*. Dissertação, Instituto de Artes, Unicamp, Campinas, 2000.

REILY, Suzel Ana; HIKIJI, Rose Satiko; TONI, Flávia Camargo. *O Musicar Local – novas trilhas para a etnomusicologia*. Projeto Temático FAPESP Nº 2016/05318-7, 2016.

SMALL, Christopher. *Musicking: the meanings of performance and listening*. Middletown, Ct: Wesleyan University Press, 1998.

TURINO, Thomas. *Music as Social Life: the politics of participation*. Chicago: The University of Chicago Press, 2008.

Notas

¹ Este é termo apresentado por Reily, Hikiji e Toni (2016) como tradução do termo “musicking”, desenvolvido por Christopher Small (1998).

² Não tocam no último domingo do mês nem em noites de chuva.

³ Vale apontar que, no seu estudo das bandas inglesas, Ruth Finnegan (1989) observou fenômeno análogo.

⁴ Lima (2000) classifica as bandas conforme os critérios do XII Campeonato Estadual de São Paulo do ano 2000, ou seja, a partir da sua instrumentação.

⁵ Antônio Carlos Neves (1948–2013) foi um estimado maestro, arranjador, vereador e importante figura para o fomento da produção musical na cidade de Tatuí e arredores. Na época da criação do repertório que seria organizado na Pasta Preta, Carlos Alberto comprou diversos arranjos de autoria do maestro.

⁶ Márcio indica a numeração das músicas na Pasta Preta.